

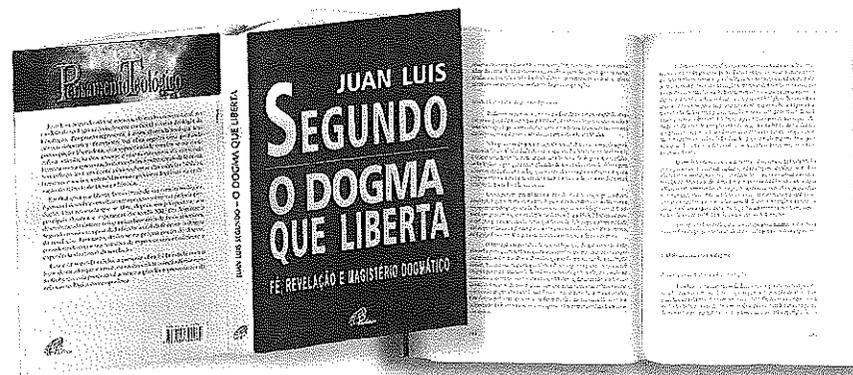
bro, no horizonte das verdades mais abrangentes, como possível justificativa para a lógica da ajuda ao necessitado, uma experiência que parece aproximar-se de um dos grandes mistérios da criação: se faltasse alguém na festa preparada pelo Criador, minha alegria e a alegria dos outros não seriam completas²².

Matthias Grenzer é Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade de Teologia St. Georgen em Frankfurt am Main - Alemanha. Leciona na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção e no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes - SP.

RECENSÃO DA 2ª EDIÇÃO BRASILEIRA DE *O DOGMA QUE LIBERTA*, DE JUAN LUIS SEGUNDO

(São Paulo, Paulinas, 2000)

Prof. Afonso Maria Ligorio Soares



Há cinco anos, precisamente a 17 de janeiro de 1996, falecia o teólogo jesuíta Juan Luis Segundo. Sua obra é inestimável e cada vez tem se tornado mais clara a relevância de sua contribuição no atual panorama teológico. Infelizmente, também neste caso, e com raras exceções, o reconhecimento internacional tem se adiantado ao de seu berço de origem. Isto se deve, provavelmente à “liberdade” com que Segundo se desvinculava dos lugares comuns e à coragem com que os combatia. Já disse uma vez Pedro Trigo que, “pela típica ‘travessia’ que coube a ele viver e, talvez, também por seu empenho pessoal, Segundo acabou sendo uma espécie de marginal da pastoral de sua Igreja, da vida de seu país, e mesmo da Teologia da Libertação”¹. E o próprio Trigo concluía que isso reservou a nosso autor uma grande fonte de liberdade para se precaver de muitos “motivos ocultos” e para desvendá-los com lucidez. Com o que concorda Torres Queiruga, que proclamou “a fina e

¹ Quando não citada outra fonte, as citações entre aspas vêm de SOARES, Afonso M. L. (org.). *Juan Luis Segundo, uma teologia com sabor de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

²² Dedico este trabalho, com muita gratidão, a minha avó Senhora Margarete Grenzer.

penetrante radicalidade da atitude hermenêutica deste autor, que não perde em profundidade para as mais sutis do continente (europeu)”.

Entretanto, também pode-se explicar a ausência de Segundo de alguns círculos pela própria complexidade que envolve seus escritos. Fato, aliás, compreensível, uma vez que as sínteses enriquecedoras nem sempre são as mais fáceis. Isto não diminui, porém, aquilo que J. I. González Faus apelidou, com razão, de “embriagamento analítico” de nosso autor. Por outro lado, conforme sugere o teólogo Jesús Castillo Coronado, muitas incompreensões relativas à interpretação da produção segundiana “derivam do fato de a grande maioria das críticas dirigidas a este pensamento não estar preparada nem equipada para avaliar seu conteúdo e metodologia, ou os princípios que a sustentam e dirigem”. Na opinião de Castillo, tais críticas não levam em conta a maneira peculiar de Segundo argumentar, com categorias novas e uma bagagem científica consistente, devidamente integradas em sua reflexão da fé de uma maneira flexível e acertada².

Não obstante, porém, esta índole de sua reflexão, Segundo também se revelou um teólogo radicalmente inserido na caminhada de grupos de base, aliando sua admirável competência científica a uma espiritualidade original e decididamente libertadora. Donde a asserção de Torres Queiruga, reconhecendo no teólogo uruguaio “uma teologia verdadeira, porque a trabalhou a partir da realidade e para a realidade. Com um instinto certo, soube situar sua formação acadêmica no lugar justo: aproveitou a fundo os estudos europeus, porém, estes não conseguiram enredá-lo nos grilhões da erudição; serviram-lhe simplesmente como libertação; para enfrentar a realidade teológica, com um desejo fiel pela própria circunstância e sem complexos de inferioridade cultural diante da alheia”.

² Cf. CORONADO, Castillo Jesús. *Livres e responsáveis: o legado teológico de Juan Luis Segundo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

Na opinião de Ricardo Cetrulo, ex-colega dos tempos do Centro Pedro Fabro de Montevideu, sua melhor contribuição aos grupos de base foi “esquadrinhar os textos bíblicos para descobrir um Deus apaixonado pelo humano, e que se revela a si mesmo através da simplicidade do cotidiano”. Dizendo com Gustavo Gutiérrez: “Segundo sempre se preocupou com o divórcio entre a fé e a vida. Eis porque sua obra esteve centrada neste assunto capital”.

Entretanto, e embora haja pela frente uma longa viagem pelas ponderações segundianas, não resisto a já sugerir desde agora, e com suas próprias palavras, um pouco do fio condutor de sua inteira produção:

“Ao dar-nos sua vida, Deus não apenas se sacrifica por nós, se faz vulnerável a nossa sorte e a nossa história, mas antes nos dá de verdade sua vida divina. Deus é o grande vulnerável, porque quer a todos os seres humanos com amor sem medida, e os sofrimentos e as alegrias de cada um vão em direção a ele. Que estranho, pois, que tudo o que se faça pelo menor de seus irmãos vá, em realidade, indefectivelmente, diretamente a ele!

Quem pode, então, amar de verdade a outro ser humano sem amar de verdade ao próprio Deus? Não pelo efeito de uma intenção que transcenda o humano, senão pela inesfável comunidade que reina entre os seres humanos e Deus, comunidade muito íntima na qual ninguém pode ferir sem ferir a Deus e aos demais, na qual ninguém pode amar sem amar a Deus e aos demais. Se o cristianismo vem trazer alguma transformação religiosa, é aquela de abolir radicalmente essa distinção (entre o sagrado e o profano). O primariamente religioso, segundo a mensagem cristã, é o que vai a Deus através do amor efetivo dos seres humanos entre si, mesmo quando não houver, por detrás desse amor, a consciência do valor religioso que encerra”³.

Isto posto, é com alegria que constato, mais uma vez, o acerto de Paulinas Editora, e a parabenizo por oferecer a seus leitores e leitoras outra oportunidade de usufruir desta preciosidade: a segunda edição brasileira de *O*

³ SEGUNDO, Juan Luis. *Función de la Iglesia en la realidad rioplatense*. Montevideu: Barreiro y Ramos, 1962.

dogma que liberta. Esta obra pode, com certeza, ser considerada o livro-síntese de Juan Luis Segundo. Ou, pelo menos, se não se quiser pecar pelo exagero, uma chave privilegiada do pensamento de um dos grandes mestres da teologia latino-americana contemporânea.

Embora não seja sua obra-prima —, pelo que consta, o próprio Segundo reservava tal adjetivo a sua cristologia, é possível descobrir em *O dogma que liberta* um olhar retrospectivo sobre sua própria produção teológica. Uma retomada que se abre, depois, em prospectiva, aos principais desafios e esperanças do século vindouro. Numa linguagem desembaraçada da terminologia mais hermética de livros anteriores, Segundo questiona um princípio fundamental da fé cristã: o dogma da revelação. Para tanto, revisita a noção mesma de dogma, que outra coisa não é senão a tentativa de expressar conceitualmente a experiência da revelação. Ao longo do livro vai-se saboreando a tortuosa e apaixonante tensão entre a experiência humana e a palavra revelada. A palavra, dirá Segundo, só significa enquanto ilumina *hoje* a experiência *real*.

Eis porque, conforme seu claro diagnóstico, a prática atual do magistério eclesial não tem levado suficientemente em conta três componentes do dogma revelado: a linguagem simbólica, mais adequada a sua expressão e comunicação; sua inevitável apreensão processual; e, sobretudo, o papel magisterial do próprio povo cristão. Tal papel, aponta Segundo, será dificilmente redimensionado enquanto perdurar no catolicismo uma visão equivocada da distinção entre clero e laicato, que mantém este último praticamente infantilizado e dependente do primeiro.

A revisão do dogma da revelação empreendida neste livro abriria caminho para dois outros projetos subseqüentes de nosso autor: oferecer sua discreta contribuição, em vista da reformulação de alguns dogmas centrais do cristianismo, a partir do diálogo com as novas epistemologias deste final de século⁴; e uma releitura do dogma do inferno embasada nas próprias fontes

⁴ Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?*: aproximações entre ciência, filosofia e teologia. São Paulo: Paulinas, 1995 (ed. orig.: 1993).

cristãs⁵. Portanto, sua produção posterior só viria realçar o que já vinha se tornando cada vez mais evidente com o passar dos anos: a importância de *O dogma que liberta* no conjunto da obra segundiana.

Essa constatação engrandece os méritos desta nova edição brasileira. A lacuna que se está preenchendo é enorme. Desta feita, o projeto editorial de Paulinas proporcionou-lhe o lugar de destaque que merece, ao conferir-lhe a acomodação devida na coleção *Pensamento Teológico*. Recentemente criada, esta coleção dedica-se especialmente à acolhida de grandes representantes da reflexão teológica contemporânea. Para este novo lançamento, o texto da primeira edição foi totalmente revisto, cotejado com os originais e, em grande parte, apresentado ao autor⁶. Procurou-se corrigir e eliminar as várias (e, por vezes, graves) imperfeições da edição anterior (algumas, embora poucas, provindas do próprio original espanhol). Sei, por experiência própria no ensino da teologia, o quanto tais deslizos dificultaram, quando não impediram, a correta compreensão do pensamento de Juan Luis Segundo.

Nenhum desses cuidados, porém, visa facilitar demais a leitura do texto. Tal não é possível nem desejável. Segundo abominava as simplificações, mesmo quando recheadas das melhores intenções de popularização da teologia. Contudo, uma ajuda para atravessar seus livros é sempre bem-vinda. Um eficaz roteiro de leitura de *O dogma que liberta* já é oferecido por J. I. González Faus na presente obra, em seu "Prólogo que também não o é". Gostaria também de colaborar com quem descobre pela primeira vez a produção deste jesuíta uruguaio, sugerindo três títulos disponíveis em português, e que poderiam servir de introdução a seu pensamento. O primeiro, fruto da tese doutoral de Afonso Murad sobre sua obra, é: *Este cristianismo inquieto*. São Paulo, Loyola, 1993. Há também uma obra coletiva, com artigos e testemunhos sobre o autor: *Juan Luis Segundo — uma teologia com sabor de vida*, São Paulo,

⁵ Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *O inferno como absoluto-menos: um diálogo com Karl Rahner*. São Paulo: Paulinas, 1998 (ed. orig.: 1997).

⁶ O falecimento de Juan Luis Segundo impediu sua aprovação pessoal da revisão final.

Paulinas, 1997. Por último, a entrevista muito esclarecedora de sua vida e obra, que este autor concedeu a Jesús Castillo Coronado: *Livres e responsáveis — o legado teológico de Juan Luis Segundo*, São Paulo, Paulinas, 1998.

Convido, pois, o público leitor brasileiro a passar por uma experiência gratificante: o prazer de acompanhar mais uma vez, nas páginas de *O Dogma que liberta*, a ousadia teológica da reflexão segundiana. Uma reflexão que, sempre roçando o limite de nossas possibilidades, não hesitava em buscar soluções humanizantes para nossos problemas inadiáveis. Como ele mesmo gostava de repetir, se Deus se revelou, foi porque desejou tirar do “mistério” muito do que para nós é essencial compreender. Este foi o escopo do esforço teológico de Segundo — bem como da melhor reflexão vinda à luz em terras latino-americanas: produzir uma teologia que realmente cativasse seu público ao falar-lhe dos dogmas como de uma experiência com sabor de vida.

Afonso Maria Ligorio Soares leciona no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e no Instituto de Teologia de Santo André - SP.
sofona@uol.com.br.

Preencha o cupom de assinatura abaixo e envie junto com um cheque nominal ao Instituto Educacional Seminário Paulopolitano, Av. Nazaré, 993 – CEP 04263-100 – Ipiranga – São Paulo – SP, Faculdade Assunção, ou se preferir, faça o depósito do valor referido e mande-nos o comprovante junto com a ficha de renovação, via fax: (11) 272-7630. Depósito: **R\$ 25,00** – Banco **Itaú** – Agência **0644** – Conta nº: **98.580-6**.

CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por um ano R\$ 25,00

Nome: _____

Endereço: _____

_____ CEP

--	--	--	--	--	--	--	--

Cidade _____ Estado _____

Data ___/___/___

Nome: _____